



José Soares

## Transparência

# As sucursais partidárias insulares

Há muito que alertamos para a abjeção constitucional portuguesa, que é a proibição de partidos insulares na Madeira e nos Açores.

Isto demonstra, sem sombra de dúvidas, que o cerne da questão reside sobretudo num trauma colonial português, construído ao longo de séculos e abruptamente rompido após o golpe militar de 1974, com o começo do forçado abandono em pânico das possessões africanas e a expulsão de africanos brancos forçados a abandonar o país onde haviam nascido.

Posteriormente as “Ilhas Adjacentes” serviriam de refúgio psicológico compensatório, onde ainda se exercita uma ação colonial, camuflada pelo estado de Direito (?) democrático (?). Nelas se “autorizaria” a existência muito zelada e vigiada de uma espécie de autonomia – estatuto astuciosamente fabricado com esse pomposo nome, para delegar a alguns serviços ilhéus. Mas tudo debaixo do olho de outra aberração político-constitucional chamada “representante da república”, figura guardadora do rebanho colonial.

Mas, como diria Fernando Pessoa, “... as teias que o império tece...” continuam nas mentes açambarcadas de dúvidas, receios e desconfianças por parte da politiquice lisboeta. A impotência de inverter a História transforma-se na prepotência linear num único sentido. Condição que a dialética política chama de Soberania – palavra com origem em soberano, rei absoluto e autoritário.

Para alterar a constituição portuguesa, são precisos dois terços dos 230

deputados em São Bento. Não será com a cerca de meia dúzia dos Açores e da Madeira que algo será feito. Nem que fossem dez!

Há quem diga que as democracias estão cavando a sua própria sepultura, através da sua infinita tolerância a tudo e todos, incluindo os ultras, os radicais e extremistas, tanto da esquerda como da direita ideológicas.

Condescender a tudo pode ser porta aberta ao caos...

O “Chega” – essa aberração erradamente denominada de partido político (Hitler também tinha o partido nazista, politicamente instituído), chefiado por um desvairado que treina discursos diante do espelho, decidiu dar ordens aos seus sequazes da sucursal açoriana, que rasgasse o acordo de incidência parlamentar com o governo insular. Tudo porque o chefe lisboeta do PSD, Rui Rio, dissera horas antes que nunca faria acordos com a tal “Chaga”. As discussões são ao nível diretório, entre os chefões.

Meus Amigos e Amigas:

Só a Liberdade poderá calar a prepotência.

Só a Independência nos leva à Liberdade.

Antes morrer Livres, que... portugueses sujeitos a tal gente.

lusologias@gmail.com



Chrys Chrystello\*

# A minha geração deu-vos tudo

“Estou deprimido” é expressão recorrente nesta geração paradoxal. Inconsciência crónica com excesso de indefinições. Da banalidade despreocupada à angústia paralisante. Esta geração não passou por privações, comparada com a nossa, de “baby boomers”, rebeldes, que, no fim dos anos 60, se revoltavam contra o status quo, na França e a guerra colonial em Portugal. Vivia melhor que a geração dos pais, em conforto e posses, mas era arrastada para projetos militares alienígenas aos quais se opunha. Queria tomar parte na construção da História e não ser arrastada como nota de rodapé. Depois chegou o 25 de abril. Os jovens dos anos 70 e 80 já nasceram com o rei na barriga. Nada era proibido e podiam almejar à sociedade sem classes em que todos tinham acesso ilimitado a todos os bens, sendo felizes para todo o sempre.

*As crises económicas não se fizeram sentir muito, exceto a crise do petróleo, 1972, a máquina da publicidade assenhoreou-se da TV, moldando os filhos. Por mais que disséssemos que a vida era de sacrifícios, não passaram por experiências dolorosas. Frequentar a universidade já não é apanágio de elites, nem mesmo as privadas. Os cursos facilitam o acesso a canudos com a fama de distinguir entre os que vencem na vida e os outros, mas na prática é muito diferente.*

Os pais enfrentam a situação desconcertante de filhos que, por um lado, se comportam irresponsavelmente sem dar importância às coisas que, teoricamente, lhes deveriam interessar e, por outro, se manifestam devastados pela incerteza do futuro ou pequenos reveses. Jovens tão pouco dados a levar a vida a sério tornam-se vítimas quando veem as coisas mal paradas.

*Estarão a exagerar? Não se tratará de estratégia de autodesculpa, para obterem compaixão e evitarem atuar? Tudo leva a crer que não. Raras vezes se trata de birras e de espanto de adolescentes tentando enternecer os adultos. Os pais fizeram o que lhes competia dando o máximo de bens materiais (que eles não tiveram), e rodearam-se desses bens. Parecia uma sociedade de abundância sem limites. A pressão dos pares a nível social, engendrada pela insaciável publicidade, levou-os a comprarem tudo e mais alguma coisa. Quando a árvore das patacas seca, ou saem de casa, dão conta de que as mais pequenas coisas têm um custo, o que os irrita profundamente porque quando chegam às grandes coisas já não há dinheiro.*

Muitos especialistas concordam, as causas da intolerância e da frustração jovens estão ligadas aos valores propugnados pelos meios de comunicação. Quando, desde a nascença, um jovem recebe da TV, mensagens subliminares, não é descabido pensar que isso os incapacitou para enfrentar a realidade. E não foi nem o pai nem a mãe, mas os meios de comunicação a manipular as mentes dos recetores consumidores. Que capacidade de enfrentar problemas terão os que nos anos mais recetivos da

vida foram metralhados com promessas de felicidade virtual, êxito imediato, a vida como um show de diversões que nunca termina? O discurso mediático mercantil alimenta a imaturidade que se revela quando a realidade nua e crua se mostra e o jovem constata que nada é como lhe disseram, criando um desajustamento causador de insatisfação e ansiedade.

*Nos anos 60 e 70 geração rebelde, nos 80 e 90 “Millennials” e agora da frustração. Nem poderia ser doutra forma, mas a evidência não resolve o problema nem serve de consolo. Quando dizem que estão deprimidos estão a falar a sério, sofrendo mais do que podemos imaginar. Aumentou substancialmente, o número de consultas de adolescentes na urgência psiquiátrica. Num hospital de Barcelona as estatísticas indicam primeiro, as alterações de conduta, seguidas das crises de ansiedade, 25% do total. Se acrescentarmos 15% de tentativas de suicídio teremos de admitir que se trata dum problema grave e crescente.*

Muitos jovens não aguentam revezes pois não foram treinados para os enfrentarem, sobreprotegidos, acostumados a conseguirem tudo, falta-lhes a experiência de sentirem necessidades ou penúria, carecem de defesa face às dificuldades. Já se disse, que os pais criaram inválidos sem recursos para enfrentarem o mundo, regido pela competitividade e elevados padrões de exigência, a nível laboral e profissional, nas relações interpessoais e integração social. Os adolescentes naufragam no trajeto entre a infância almofadada que nada lhes exigiu e o futuro erçado de obstáculos.

A geração paterna perpetua o estereótipo. A sobreproteção e a permissividade excessivas criaram dependentes, sem autonomia para tomar decisões e confrontarem os problemas. Não será justo culpar os pais. As famílias, têm uma parcela da irresponsabilidade dos filhos que pagam com angústia, a vida mole. Os pais atuaram por carinho, mesmo se revestido de formas erradas. A maioria dos jovens deixou de buscar apoio e cumplicidade nos amigos, como quando se refugiavam dos defeitos dos pais, ineficazes a gerirem a segurança emocional necessária.

Crianças mimadas em vez de trabalharem e ganhar mais, queixam-se, entram em depressão apática, sofrem na inação e deprimem-se mais. Tudo é um direito divino que compete aos pais satisfazer e quando não alimentam a ilusória vida fácil, sentem-se traídos pela sociedade. O que não sabem é que vão pagar as dívidas que lhes deixaram, e só então terão razão para se sentirem deprimidos. Parece a história deste país que habito.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)